

## Urbano-Constelação – Ensaio-lampejo sob trovões

Fabiola do Valle Zonno

Fabiola do Valle Zonno é Doutora em História Social da Cultura; Professora do PROARQ - UFRJ; [fabiolazonno@fau.ufrj.br](mailto:fabiolazonno@fau.ufrj.br)

VELLOSO, Rita. *Urbano-Constelação*. Belo Horizonte: Cosmópolis (Escola de Arquitetura/UFMG), 2022.

Rita Velloso abre seu livro *Urbano-Constelação* com uma imagem, gesto poético do artista Erreerre (Ricardo Reis) na série *Vala* (2016), obra intitulada *Aqui* e onde se lê “Imenso céu aqui abismo”. Logo de início, a autora, ao lembrar o convite de Benjamin para que pensemos por imagens, sublinha a constelação como estratégia do pensamento. Ao longo da leitura, a seguimos em seu pleno exercício ensaístico, montador e constelar – e nos sentimos movidos ao engajamento com as questões agudas que seu trabalho expõe.

“Texto é o trovão que segue ressoando por muito tempo”, cita Walter Benjamin.

Uma obra de arte ou um texto se faz capaz de ressoar porque transforma, a cada presente de nossas experiências, nossa relação com o conhecimento. Isto se dá pela força que afirma sua contemporaneidade. E o nosso exercício de pensar é dar-lhes outras possibilidades de vida.

Ao nos encontrarmos com o pensamento de Rita Velloso, reconhecemos, a cada ensaio apresentado, a atualidade de autores constelares (para não dizer centrais) – Benjamin e Lefebvre - e a potência do próprio pensar da autora, que se dá como densidade conquistada no enfrentamento de diversos temas-problema pautados como desafio de pensar o urbano. Nos ensaios de natureza teórico-crítica, escritos entre 2000 e 2021, a autora faz ressoarem os pensamentos de Walter Benjamin e Henri Lefebvre, agenciados a muitos outros autores, fruto de detida e rigorosa leitura. Os escritos demonstram um profundo conhecimento dos conceitos e um pensar autoral, com seus interlocutores, que se faz nas múltiplas possibilidades de questões atravessadas e cria dobramentos produtivos para o debate teórico em nosso contexto metropolitano brasileiro contemporâneo. Ensaio-lampejo – uma escrita assertiva, escrita-força que mobiliza as dimensões filosófica, estética e política.

**“Urbano-constelação” é uma conceitualização com força imagética e uma agenda de pesquisa, um livro-posicionamento.** O urbano, que com



Lefebvre contém em sua conceituação a experiência política dos habitantes no plural, é para a autora uma “categoria teórica que expõe uma prática social em movimento” e dá conta de processos que marcam a “vida urbana” em suas diversas lógicas, desigualdades e diferenciações socioespaciais e contradições. A constelação, com Benjamin a partir de um modo de pensar pela montagem apresenta-se como a relação entre os componentes de um conjunto (as estrelas) que constitui um campo de sentidos na história, é apresentada como “configuração de forças que atuam sobre um arranjo urbano” (p.74-75).

A cidade é para a autora, acompanhando Benjamin, um “*medium* de reflexão” e “campo de batalha”. E, de fato, o livro apresenta reflexões e possibilidades de “transformação capilar” no contexto brasileiro (e latino-americano). As pesquisas apresentadas se pretendem (e são) um caminho para uma ‘**teoria crítica urbana**’ operativa e, sobretudo, um posicionamento pela democracia participativa e pela justiça social nos processos de planejamento e gestão das cidades. O livro tece uma visão complexa do urbano, estética e política, reconhecendo-o para além de suas formas, física e material, em sua dimensão de espaço social e político e valorizando a experiência e a criação pelos vivenciadores participantes.

Constelando a partir de Benjamin, os ensaios enfatizam a experiência estética da cidade, valorizando a dimensão do cotidiano e o acontecimento, além da ação política. O que importa para a autora ao analisar a “arquitetura urbana” são os processos e as ações dos habitantes. Uma experiência que não se faz como espetáculo e fetiche mercadoria, como alertou Debord, é retomada pela autora ao lado do problema da recepção com Benjamin, enfatizando o papel do corpo, da experiência tátil, como crítica ao que entendemos como uma imagética rasa, mas não a toda imagem – um posicionamento plenamente reconhecido na contemporaneidade. Discussão que nos remete ao sentido de evento, como também temos desenvolvido com a interlocução de Tschumi e Lefebvre, valorizando a complexidade constitutiva do vivido, quando o corpo é central - corpos percebem e agem e assim transformam o espaço.

Velloso, com Benjamin, incita a perceber como um “des-ver” quando ilusões contemplativas são desfeitas e, ao avesso, a partir da porosidade, do fragmento, da incompletude se apresenta uma cidade como “tecido de cicatrizes”, “montagem de tempos que se oferece à experiência”, “reflexo de luz que fulgura sobre as

malhas da urbanidade para torcê-la, esgarçar seu tecido, instabilizar topografias, monumentos, edifícios, mercadorias, corpos, vazios, terrenos baldios”. Velloso faz ressoar o trovão Benjamin, ressensibilizando especialmente a nós que lidamos com a história a partir da experiência presente das cidades, e apontando a possibilidade de uma crítica atual da “fantasmagoria” das megacidades do terceiro mundo e em especial das metrópoles brasileiras.

Com Benjamin, Velloso desenha uma constelação entre os acontecimentos históricos das barricadas, Comuna de 1871 e Maio de 1968 interpretando-os como *détournement*, apropriações que reivindicam transformações na vida cotidiana e experiências para pensar alternativas. Atitude experimental, valorização da experiência, engajamento coletivo, crítica e imaginação. Neste sentido, aproxima a experiência surrealista, apresentada como caminho para estratégias que potencializem a apropriação. O “choque” surrealista em seu potencial de deslocamento e crítica, apresenta-se para a autora como “estética libertária”, frisando um posicionamento contra a espetacularização e o fetiche do objeto arquitetônico na atualidade. Velloso formula a própria “forma como uma atitude”, quando o usuário interagiria com a obra numa coautoria do lugar. Tal pensamento de liberação vai ao encontro das críticas ao funcionalismo e ao formalismo, como as que desenvolvemos, a partir do delírio em Rem Koolhaas e do evento em Bernard Tschumi, partindo dos Situacionistas, para repensar o lugar relacionado às experiências de performance e participação.

A exploração da autora é valorosa sobretudo ao aprofundar o entendimento das ressonâncias do Surrealismo e Dadaísmo nas práticas em arquitetura e urbanismo - Nesta linha, identifica que Benjamin reconhecia na arte dadaísta a “distração intensa”, a obra convertida em um “escândalo”, pois que dá a objetos cotidianos novos sentidos, o que vem colocar a própria experiência da vida em relevo. Mas é o onírico na experiência surrealista, a experiência do sonho e da livre associação encontrando-se com a psicanálise, e em especial os procedimentos da “montagem”, da “colagem”, o “close” que aparecem como meios de crítica à sociedade burguesa capitalista como apresenta Velloso. Acompanhando com precisão Benjamin, Velloso refere-se ao movimento do pensamento do autor aproximando o surrealismo da teoria da arquitetura a partir do conceito de “iluminação profana” – nas palavras da autora, “experiência espacial viva, fecunda, capaz de revelar traços da história de um lugar e acontecimentos escondidos pelos edifícios

abandonados, vazios ou em ruínas” (p.293) – todo um inconsciente urbano. Reforçando seu posicionamento, destaca que para Breton “o ato surrealista mais simples consiste em descer às ruas”. Assim, como outros autores contemporâneos, a autora sublinha a *flanêrie*, as *deambulações*, o ato de andar, de abandonar-se ao errar, como ferramenta crítica e como procedimento criativo. A assertiva de Velloso por “experiência estética ampliada” reforçando a relação entre experiência estética e experiência política, encontra sintonia com minhas próprias inquietações; em suas palavras: “A experiência urbana permanece nossa (dos habitantes) no sentido de que ela tem como papel favorecer e ativar a *vida activa*, ou seja, tornar possível uma libertação” (p.318). Perspectiva afim àquela de “Ação” - participativa, coletiva e politizada - desenvolvida recentemente por Josep Maria Montaner.

Constelando com Lefebvre, neste fio que tece o posicionamento da autora pela liberdade, em especial à experiência urbana como ação política – política dos corpos - de transformação social, a noção de “apropriação” é central em vários artigos. “Possibilidade de autonomia, imaginação e fecundidade do cotidiano” – “tomar posse” corresponde “um acontecimento em um lugar”, “desmascarando o predomínio das coações” (Lefebvre apud Velloso, p.342). Desenvolvendo suas reflexões do sentido de jogo desde os Situcionistas, a autora afirma que pensar a arquitetura como medium de experimentação implica em pensar a apropriação como projeto (p.341), e o papel do corpo, capaz de “qualificar o espaço por meio de gestos”. A autora posiciona-se afirmando a imaginação arquitetônica como “estendida também ao habitante”, uma imaginação dialética não exclusiva de quem cria, mas também de quem usa. Em seus ensaios, despontam sempre, a importância dos atores do espaço - como pensamos, que fazem arquitetura. Nesta perspectiva, são interpretados os desenhos de Constant, reconhecendo-os como médiuns de crítica da experiência urbana – um resistir em termos mais de fluxos e durações do que fixos e monumentos. Daí emergiria uma micropolítica - a valorização do cotidiano, a escuta dos lugares e a possibilidade da imaginação. Velloso contribui, como outros autores contemporâneos, para um profundo entendimento do pensamento Situacionista, dele partindo, sem nostalgia, para pensar perspectivas críticas no contexto contemporâneo. Assim, discute o urbanismo como estratégia de poder e critica o fetichismo da forma-mercadoria capitalista contra o empobrecimento da experiência cotidiana, reivindicando a cidade como “lugar de desalienação porque é sempre possibilidade de encontro” e o não apagamen-

to da “consciência histórica de um lugar” (p.405). Na ideia do encontro está não só a defesa da prática do debate público e do diálogo, mas a de uma comunicação verdadeira por meio da linguagem comum.

Retorna em diferentes ensaios ao longo do livro o interesse em reconhecer a força das lutas urbanas e das ações dos habitantes das cidades, em que emergem em especial as forças do cotidiano e da rua. Fazendo convergir experiências em pesquisas de campo e reflexão, a autora posiciona-se pela valorização do que nomeia “arquitetura da insurreição”, práticas de ativismo e de contestação que carregam significados coletivos e seriam potentes para pensar respostas críticas sobre os problemas urbanos. Defende assim a ação política como “duplo enervamento” desempenhada por habitantes atores sociais e governo, a somar aos saberes técnicos, acadêmicos e institucionais; uma forma expandida de institucionalidade, na direção de uma “teoria crítica urbana” operativa, valorizando a apropriação, na articulação em diferentes escalas e a potência das redes de troca de saberes. Velloso contribui, efetivamente, para pensar sobre políticas, planejamento e gestão urbanos, em atenção a uma “espécie de nova urbanidade” nas regiões metropolitanas com suas redes de encontros e cooperações.

Se o conhecimento existe em lampejos e se dá por constelações, como treveja Benjamin, conjuntos de brilhos distantes no tempo que enxergamos desde o presente e de modo relacional, os ensaios de Velloso são como estrelas, nascidas em diferentes anos-luz de sua trajetória intelectual, que reunidos oportunizam renovadas leituras, reacendem inquietações. O livro autoral, premiado pela ANPARQ em 2022, expõe um valioso processo de reflexão no campo da arquitetura e do urbanismo, reafirmando a importância nossas práticas teóricas, projetuais e críticas como força de transformação micropolítica em sentido ético e estético.

Retornando à imagem que abre o livro, permito-me aproximá-la de outras imagens de constelação que nos são caras, para reafirmar o valor da abordagem da autora. Didi-Huberman, em *Diante do Tempo de 2000*, abre o livro com um pano de pintura de Fra Angelico, localizado na base da parede protagonizada por uma *Sacra Conversação*, e se declara capturado diante daquela imagem, semelhante à de uma constelação de onde teria tirado a lição de um olhar que não deve ceder ao hábito pretensioso do “especialista”. Neste livro, como Velloso, Didi-Huberman mobiliza o sentido de “constelação” em Benjamin e o agencia ao pensamento rizomático de Gilles Deleuze e Felix Guat-

tari para pensar a história da arte como montagem, em devir. Ainda Didi-Huberman, em seu *Sobrevivência dos vaga-lumes de 2009*, valoriza os “lampejos dos contrapoderes”, a partir de Benjamin, assim como em Velloso é a luz dos resistentes, dos insurgentes, que se deve reconhecer na Urbano-Constelação. Velloso interpela, contemporaneamente, a experiência urbana de modo corajoso. Lembramos de Giorgio Agamben em “O que é o contemporâneo?” de 2008 que também nos traz a imagem do firmamento noturno, onde “estrelas resplandecem circundadas por imensa treva” – escuro que para os cientistas é explicado como luz que não pode nos alcançar, tal a distância das remotas galáxias. Ser contemporâneo, segundo Agamben, seria perceber no escuro do presente esta luz que procura nos alcançar e que demanda atitude de coragem, pois não se trata de manter fixo o olhar na escuridão de uma época, mas de perceber neste escuro uma luz, compromisso que urge dentro do tempo cronológico e que o transforma intempestivamente – como o trovão em Benjamin. Velloso persegue o compromisso com o texto teórico como força de enfrentamento dos desafios de interpretar e criticar o contemporâneo, de fazer emergir do sombrio possíveis lampejos: a insurgência do que se situa na obscuridade e a possibilidade da experimentação, do acontecimento, como alternativa, caminho para outros vividos, outras urbanidades. “Imenso céu aqui abismo” - neste livro, como na imagem, fulguram possibilidades de perseguir a presença da luz – como vaga-lumes, lampejos, trovões – de resistir e produzir o intempestivo do pensamento como motriz de transformação.

## Referências

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

DIDI-HUBERMAN, G. *Diante do Tempo – história da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

\_\_\_\_\_. *Sobrevivência dos vagalumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.